

PRODUÇÃO TEXTUAL E PRÁTICA DOCENTE: UMA ANÁLISE NO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO

Vilma Lucia Pereira Silva da Cruz ¹

RESUMO

Objetivamos nesta pesquisa investigar as práticas de professores de português relacionadas à produção textual em escolas da rede pública, tanto nos anos finais do Ensino Fundamental como no Ensino Médio, na cidade da Escada-PE. Esta pesquisa se embasa em uma abordagem qualitativa com base nas contribuições teóricas de Bronckart (1999), Bakhtin (1979;1992; 2000; 2003), Marcuschi (2008), Geraldi (2002), Antunes (2003) entre outros, com foco nas questões que abordam o processo de ensino e aprendizagem da produção de textos, sob o contexto do interacionismo sociodiscursivo, que sugere um ensino de língua, cujas particularidades estruturais e funcionais são resultados do meio social, mediados pela linguagem. Esta pesquisa foi realizada com a análise de documentos que referenciam a prática dos professores de língua portuguesa, de questionários sobre os aspectos teóricos e práticos, de observações de aulas realizadas nos espaços das salas de aulas. Observamos que, embora identificado em algumas práticas das duas escolas investigadas divergência entre o que prescrevem em seus planos de aulas e em suas respostas aos questionários sobre a prática da produção textual, foi possível identificar ações didáticas pertinentes que se aplicaram na realização da competência textual interativa dos alunos, objetivando meios propícios à aprendizagem. Constatamos de forma mais geral, na escola da rede municipal, uma prática consistente e estimuladora, com objetivos delineados sobre o que se quer ensinar sobre a escrita nos aspectos linguísticos e textuais.

Palavras-chave: Produção Textual, Ensino de língua portuguesa, Prática docente.

INTRODUÇÃO

Os documentos oficiais que norteiam a educação brasileira propõem que o ensino de português se organize em torno do uso da língua: do ensino da leitura, da produção de textos e da gramática, esta compreendida como uma prática de reflexão sobre a língua e seus usos, necessária para instrumentalização dos alunos nas duas modalidades de uso da língua. O ato de se expressar exige uma elaboração contínua que, aos poucos, vai-se aperfeiçoando, à medida que se vão esgotando os recursos expressivos mais imediatos. Isso requer um conhecimento profundo da língua, que por sua vez, se renova a cada enunciação.

Para Costa Val (1992), quando se tomam como objeto de trabalho em sala de aula os processos de produção e leitura de textos, numa visão integrada dos mecanismos de criação da linguagem, não há mais lugar para um ensino centrado na descrição e prescrição de regras do enunciado, ensino em que só cabe ao aluno o reconhecimento passivo e inconsequente de categorias estanques. Pelo contrário, o ensino terá como foco a enunciação, os processos de

¹ Mestre em Ciências da Linguagem- UNICAP-PE, vilmapereiracruz@yahoo.com.br;

significação resultantes das relações entre o texto e suas condições de produção, e aí caberão aos alunos o uso produtivo dos recursos e possibilidades do sistema linguístico e a reflexão sobre eles.

Analisando esse quadro, verifica-se que muitos ainda são os desafios encontrados em relação ao ensino de língua no Brasil, no tocante à produção textual. Nas escolas tradicionais, por exemplo, seu ensino se dá numa reflexão puramente metalinguística, ou seja, num ensino que contempla a descrição da língua. Um ensino que refletido em alunos egressos do ensino fundamental com desempenho insatisfatório em leitura e produção escrita, fator perceptível pela ênfase historicamente assentada no ensino da gramática normativa que não tem contribuído, de forma geral e sistemática, para a promoção de uma aprendizagem significativa de leitura e produção textual como competência básica para a formação profícua do aluno.

Sobre isto, Marcuschi (2008) afirma que a postura do ensino da língua deve pautar-se no ensino de uma visão de seu objeto: a língua, e do estabelecimento de uma relação com ele.

Sendo a linguagem um processo de interlocução pelo qual os sujeitos realizam trocas verbais, constroem sentidos, constituem-se como sujeito ativo, entende-se que é nesse processo e pelo contexto sociohistórico que os sujeitos se realizam, e seu aprendizado resulta em um determinado produto: o texto, que cumpre uma função social e se organiza linguisticamente conforme exigências que lhe são próprias.

Nesse contexto, refletir sobre as propostas do interacionismo sociodiscursivo nos leva à compreensão de que estas não se valem apenas de um modelo de ensino, mas concomitantemente ao desenvolvimento do ser humano a partir de suas ações significativas estabelecidas pelas ações sociais.

A escolha pela investigação das práticas da produção textual de professores de língua portuguesa está vinculada à nossa experiência profissional como professora, educadora de apoio da escola pública da rede estadual, da cidade da Escada- PE, quando em encontros pedagógicos, reuniões e especificamente em conselhos de classe com os demais colegas da área, em discussões acirradas sobre os perfis de aprendizagem da produção textual escrita dos alunos, eram demonstrados sentimentos de angústia e insatisfação pela educação por não estarem mais alcançando um ensino que contemplasse a proficiência na leitura e na escrita dos alunos. Tudo isso só nos causava mais inquietação, dúvida e curiosidade quanto à prática docente.

Considerando os desdobramentos propostos ao ensino de português, assim como as dificuldades observadas em algumas práticas docentes para responder às novas exigências em relação ao ensino da língua, assinalado pelos pressupostos deste trabalho, esta pesquisa

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

tem como objetivo geral investigar as práticas docentes de professores de língua portuguesa relacionadas à produção textual. E, para melhor compreensão das práticas adotadas sobre o objeto de estudo em tela, outros objetivos foram elencados: descrever as práticas de ensino da produção textual apresentadas pelos professores de ensino fundamental e médio; analisar as concepções de língua, linguagem e gramática subjacentes às práticas dos professores de português.

Em relação ao nosso objeto de estudo, Antunes (2003) esclarece que o trabalho da produção de textos em sala de aula deve centrar-se na perspectiva da epilinguagem, pois o trabalho da escrita nessa visão favorece não só as práticas pedagógicas, mas também a análise linguística no ensino de língua portuguesa.

A pesquisa foi desenvolvida em três etapas de coleta de dados: na primeira estabelecemos contato com as escolas nas pessoas do gestor, da coordenação e dos professores de língua portuguesa para apresentação do nosso objeto de estudo, e permissão para aplicação da pesquisa e coleta dos dados. Também para análise documental solicitamos documentos das instituições de ensino, tais como: PPP (Projeto Político Pedagógico) e planejamentos dos professores; na segunda, aplicamos um questionário semiestruturado com os docentes de língua portuguesa, subdividido em cinco etapas temáticas: identificação das escolas investigadas, formação dos professores participantes da pesquisa, experiência profissional dos docentes da pesquisa, aspectos teóricos e práticos, prática docente relacionada à produção textual; na terceira, participamos de vinte observações de aulas de língua portuguesa (cinco aulas de cada sujeito participante) para maior identificação de informações sobre o processo de ensino e de aprendizagem da produção escrita.

A prática da produção textual apresentada pelos professores sujeitos desta pesquisa apontou formas de desenvolvimento, apropriação e reflexão para as novas ações didáticas sobre a linguagem na perspectiva do interacionismo discursivo. Um trabalho focalizado num ensino de língua situado na reorientação de foco que contempla os usos sociais da língua, que institui o texto como a nova unidade linguística.

METODOLOGIA

A investigação se deu em duas escolas públicas das redes estadual e municipal, com quatro professores de língua portuguesa, na cidade de Escada-PE, município localizado na Mesorregião da Mata pernambucana, microrregião da Mata meridional, à 60 Km da Capital.

A escolha das instituições justifica-se, primeiramente, por serem de grande porte no município, e serem consideradas escolas de referência em ensino, constituindo-se este um dado relevante para a reflexão sobre as práticas de ensino e aprendizagem da língua portuguesa.

Para seleção dos sujeitos desta pesquisa foram considerados três critérios: ser professor de língua portuguesa com contrato efetivo e tempo no magistério, para não correremos o risco de ter que suspender a pesquisa por problemas gerados pela instabilidade e rotatividade, fato muito presente em nosso município; ser graduado em Letras e ter concluído o curso a partir da década de 1990, porque os professores dessa época foram formados no quadro das novas concepções de ensino da língua pautados no contexto do interacionismo sociodiscursivo; ter participado de cursos de pós-graduação, em nível de especialização nos últimos dez anos, porque acreditamos que os professores que tivessem participado estariam discutindo as orientações de mudanças propostas para o ensino de língua portuguesa, particularmente as questões referentes ao ensino de ‘gramática’ ou ‘práticas de análise linguística’.

A pesquisa foi desenvolvida nas seguintes etapas: contato com as escolas (gestor, professores e coordenadores); aplicação de um questionário semiestruturado com os professores de língua portuguesa, que se deu de forma oral e por escrito, pessoal e individual; participação de vinte (cinco aulas em cada turma/professor) observações de aulas de língua portuguesa.

DESENVOLVIMENTO

Sobre as concepções e consequências para o ensino de língua na escola, Travaglia (2009) e Antunes (2003) alegam que uma das principais questões é o modo como o professor compreende a linguagem e a língua, pois a forma como elas são concebidas modifica intensificamente a estrutura do trabalho em termos de ensino. Ainda segundo Antunes, tudo o que se realiza dentro de uma sala de aula, desde os objetivos, do objeto de estudo até a escolha do modo de agir, tem subjacente, quer de forma clara ou não, certa compreensão de língua. E, nesse sentido, depreender que a concepção de linguagem é tão importante quanto à ação diante da educação.

Isso posto, Geraldi (1984) tem levantado três possibilidades distintas de conceber a linguagem: como expressão do pensamento; como instrumento de comunicação; como forma ou processo de interação. Nesta última, o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão-

somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte/leitor). Nessa perspectiva, a linguagem é, pois, um lugar de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico. É portanto, significação contextualizada, e surgiu com a necessidade humana de interpretar o mundo; é dinâmica, pois decorre exatamente do fato de que, para utilizá-la, o homem precisa ter uma participação ativa na interação linguística, seja como ouvinte ou leitor, seja como produtor de textos falados ou escritos.

São inúmeras as contribuições da Linguística para o ensino de língua portuguesa. As mais recentes datam do século XX, quando representadas por influências de abordagens: sociolinguística/variacionista (variações no uso da língua); funcionalista/pragmática (fenômenos linguísticos), na qual o professor deixa de ser a centralidade do saber pré-concebido, a mediador da tarefa de ensinar e de aprender, visto como incentivador de novas práticas, que a “essas dimensões incorporadas à noção de língua possibilitará a inclusão da noção de sujeito, não de um sujeito teórico, mas de um sujeito real inserido em situações concretas” (OLIVEIRA e WILSON, 2009, p. 241).

Segundo Illari (1986) entender a linguística para um melhor desenvolvimento no ensino de língua portuguesa é oportunizar ao futuro professor análise dos fatos da língua com rigor e sem preconceito. Pois, para esse autor, a Linguística se bem ministrada tem um potencial formativo muito grande: introduz na formação do professor de Letras um elemento de participação ativa na análise da língua, que o habilitará a reagir de maneira crítica às opiniões correntes, permitindo-lhe avaliar com independência os recursos didáticos disponíveis e as observações e dificuldades de seus alunos.

Para Antunes (2003) entender o fenômeno da linguagem constitui a compreensão dos diferentes processos implicados em seu funcionamento desde o domínio do texto em seus aspectos cognitivos, linguísticos e discursivos, até os pragmáticos. Que somente a partir do texto é que se pode apresentar, de fato, um programa eficiente de ensino de língua comprometido com a formação discursiva dos alunos.

Nessa perspectiva, Marcuschi (2008) orienta para a compreensão de que o trabalho com a língua materna deve partir do enunciado e de suas condições de produção para bem entender e bem produzir textos. E, que nesse percurso, a língua é variável e variada, as normas gramaticais não são tão rígidas e não podem ser o centro do ensino.

Há mais de dez anos, Geraldi (1984) revelava as condições precárias oferecidas aos alunos para a produção textual: título ou tema livre, limite de linhas, submetendo o aluno a

escrever sem ideias. Restando ao professor caçar os erros cometidos pelos alunos, reduzindo a avaliação do texto escrito a uma contagem de deslizes gramaticais, sem a consideração de aspectos relevantes como o estilo, a criatividade, o poder argumentativo e outros.

Muitas são as teorias, discussões e reflexões, de formas variadas e em níveis diversificados sobre o trabalho com a produção textual na perspectiva sociodiscursiva. Nessa perspectiva, Antunes (2003) enfatiza que os professores devem tomar consciência de que, para ensinar seus alunos a produzir, é preciso, além de uma redefinição de sua prática, atentar aos conhecimentos de algumas regras de construção textual, ler muito a fim de estarem seguros de sua posição frente ao ensino da língua. Pois é nesse cenário que nascem as novas pedagogias de ensino da língua e surge o interacionismo sociodiscursivo proposto por Bronckart (1999), com influência de Bakhtin (1992) a partir dos gêneros textuais, numa consequência positiva, que leva em conta seus usos e suas funções numa situação comunicativa.

Koch (2011) referindo-se à situação de linguagem, amparada nos pressupostos de Bronckart (1994) afirma que para a efetiva ação de linguagem é exigido do agente-produtor uma série de decisões e competências para executá-la, e que essas decisões dependem, exclusivamente, da escolha e adequação do gênero constituído dos mundos discursivos, da organização sequencial ou linear do conteúdo temático, da seleção de mecanismos de textualização e de mecanismos enunciativos.

Ao sistematizar esses pontos, os profissionais da linguagem devem, além de tudo, buscar a compreensão de que são os gêneros textuais que possibilitam e dão sentido ao ensino. Portanto, uma boa e consistente passagem reflexiva de escola e de ensino trará uma nova concepção de linguagem, a qual implicará numa verdadeira mudança de objetivos da ação pedagógica. Pois, “quando passamos a perceber a escola como um lugar privilegiado de produção e extensão de conhecimentos”, não há mais lugar para a mecanização de habilidades, mas sim, à construção de novas formas de saberes sistematizados na certeza de um sujeito que se quer formar, transversalizando o olhar utilitarista de que o sujeito que lê e escreve está pronto para progredir (SUASSUNA, 2006, p. 45-46).

Corroborando, Antunes (2003) acrescenta que, qualquer discussão acerca dos objetivos da ação do professor, por mais consolidada que pareça, deve exaurir as possibilidades de estudos, pesquisas, críticas e reflexões. Assim conduzidos, os professores já denotam processo de mudança.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Buscando observar a coerência entre as pressuposições teóricas defensivas na fundamentação teórica desta pesquisa e o trabalho de orientação da produção textual pelo professor apresentamos análise dos dados obtidos durante a pesquisa de campo nas duas instituições públicas, com foco no trabalho realizado com a produção textual e a prática docente, conforme investigação dos documentos norteadores da prática docente (os planejamentos), das observações de aulas em língua portuguesa e dos questionários semiestruturados aplicados aos professores de português.

Observamos pertinência, tanto na escola da rede estadual quanto na da rede municipal, de um projeto pedagógico que valoriza a formação do ser humano em seus aspectos sócio-históricos e culturais, que contempla a efetiva mudança no ensino de língua dentro de uma proposta didática que se diversifica numa inter-relação entre as atividades de leitura, compreensão e produção de textos, aportes necessários e fundamentais para um ensino de língua que busca incessantemente a formação profícua de leitores e escritores autônomos (BRASIL, 2018).

Nos questionários respondidos pelos professores sujeitos da pesquisa foram propostas questões que favorecessem tanto a análise quanto a reflexão sobre o ensino de língua portuguesa pautado na produção textual do aluno. Numa relação com as observações das aulas práticas, foi possível perceber o interesse dos professores das duas escolas investigadas o desenvolvimento das aulas a partir de discussões temáticas nos diversos gêneros textuais, com ênfase na estrutura, na tipologia, também na funcionalidade e intencionalidade discursiva.

De acordo com as observações de aulas e os planejamentos, identificamos nas ações didáticas dos sujeitos da escola da rede municipal (Ensino Fundamental) respostas afirmativas sobre o ensino da produção textual, de um trabalho que se aplica na realização da competência textual interativa dos alunos, objetivando meios propícios à aprendizagem, que implica na aquisição de novas habilidade de usos da língua, incluindo o desenvolvimento do domínio da norma culta e o da variante escrita.

Sobre o sentido atribuído ao trabalho com a escrita, Antunes (2003) propõe que esta seja realizada e vista como uma atividade interativa de expressão, manifestação verbal das ideias, intenções, sentimentos que queremos dividir com outras pessoas. “Ter o que dizer é, portanto, uma condição prévia para o êxito da atividade de escrever” (p.45).

Numa analogia aos planejamentos, às observações das aulas e ao questionário dos sujeitos da escola da rede estadual (Ensino Médio) foi possível identificar uma concepção de língua enquanto código, em que nesse processo o indivíduo fornece informações a outro, e esse outro as transforma novamente em mensagem, resultando na decodificação em que a linguagem é entendida como meio objetivo para a comunicação. Constatamos diante disto que esta escola vivencia uma prática que se consolida numa concepção de língua interativa, que vê a linguagem como forma ou processo de interação humana, em que o ensino se caracteriza como produtivo, que visa o desenvolvimento de novas habilidades.

Segundo Antunes (2003), a concepção interacionista, funcional e discursiva da língua é o ponto central de organização de referência para a explicação precisa e significativa de todas as opções pedagógicas.

Mesmo reconhecendo nas duas escolas pesquisadas ações pertinentes ao trabalho com a produção textual, foi possível identificar nas ações didáticas da escola da rede municipal um trabalho mais consistente, que compreende fases relevantes para tal realização, principalmente por apresentarem ações que se consolidam em atividades de uso da língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora reconhecendo nas práticas docentes dos sujeitos desta pesquisa ações relevantes ao processo de ensino-aprendizagem da língua materna, na modalidade escrita da língua, ainda é perceptível lacunas no trabalho desenvolvido com a produção textual no ensino médio, que aponta para uma revisão de ensino de língua na construção de novas práticas, propondo este ensino a partir de seu próprio objeto- a língua- que terá como consequência outro objeto- o texto. Nesse sentido, o trabalho suscitará novas reflexões e alternativas para a busca de reorientação de novas práticas em sala de aula.

A partir da realização deste trabalho, indica-se a extensão desses resultados às escolas participantes como forma de mesa-redonda, palestras, que vise à formação continuada dos professores de língua portuguesa, evidenciando a necessidade de estarmos sempre estudando, pesquisando e refletindo os problemas que o ensino nos suscita, procurando construir uma prática mais coerente, consciente, visando um ensino de língua mais eficaz e interativo.

Também como contribuição social deste estudo, indica-se a apresentações em congressos, simpósios, seminários, publicações em anais e revistas eletrônicas nacionais e

internacionais, e reflexões para as novas investigações na área da Educação e Ciências da Linguagem

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação.** São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAKHTIN, M. M. **Os gêneros do discurso.** In: Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de linguagem, textos e discursos.** Por um interacionismo sociodiscursivo. Trad. Ana Rachel Machado, Péricles Cunha- São Paulo: EDUC, 1999/1994.
- COSTA VAL, Maria da Graça. **A interação linguística como objeto de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa.** Educação em Revista: UFMG. Belo Horizonte, 1992.
- GERALDI, João Wanderley. **O texto na sala de aula: Leitura e Produção.** 7ª edição. Cascavel: ASSOESTE, 1984.
- ILARI, Rodolfo. **A Linguística e o ensino da Língua Portuguesa.** 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- KOCH, Ingedore Villaça. **Desvendando os segredos do texto.** 7ª edição. São Paulo: Cortez, 2011.
- MARCUSCHI, Luis Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- OLIVEIRA, M. R. de & WILSON, V. **Linguística e Ensino.** In MARTELLOTA, M. Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2008.
- SUASSUNA, Livia. **Ensaio de Pedagogia da Língua Portuguesa-** Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática.** 13 edição. São Paulo: Cortez, 2009.